

## ÍNDIOS KARIRI NO SÉCULO XVIII: MEMÓRIAS, REMINISCÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

Antonio José de Oliveira\*

### A aparente “dizimação”

Nos sítios, que servem de limites a esta Província com a de Pernambuco e Paraíba nas vizinhanças de Macapá, Carnaúba, e outros lugares do termo da Villa de Jardim era uma tribo de índios em distância talvez de seis a oito léguas da referida Villa (...). O terreno que eles habitão, não lhes oferece comodidade para a vida: vivem da pesca e da caça, e naqueles sítios não há lagoas, nem rios, nem abundância de caça, chegando apenas para o tabaco, de que são mui apaixonados, o pouco mel e cera que apanhão (...). Esta a única tribo, que me persuado a existir nesta Província e que segundo essa informação, constará de vinte e cinco homens de Arco além de mulheres, e meninos, bem que pela antiguidade della e pelo exposto me inclino a acreditar que muito maior deva ser o seo número. (Livro Relação da População das Câmaras da Capital do Ceará e Crato. fls. 10 a 12; 1856. APEC)

As informações acima colocadas provocam relevantes discussões sobre a situação de grupos de índios Kariri que rondavam vilas e cidades no sul da Província do Ceará no século XIX. Por meio dessas informações é possível compreender a dimensão da dura realidade em que os Kariri estavam enfrentando para defender seus territórios. Assim, para que possamos melhor entender os significado dessas informações precisamos compreender, grosso modo, a situação desses nativos frente aos colonos durante o Século XVIII.

Muitos estudos sobre o confronto dos nativos com os europeus durante os primeiros séculos da invasão apontam a fragmentação de seu mundo e a quase total extinção da maioria deles. No entanto, os primeiros contatos entre índios e não índios durante a primeira metade do século XVI não foram de imediatos tão conflituosos. Durante esse período, “os índios foram sobretudo parceiros comerciais dos europeus, trocando foices, machados e facas, o pau-brasil para tintura de tecidos e curiosidades exóticas”. (Cunha, 1992. p.14-15) Só a partir da instalação do primeiro governador geral é que as relações passam a tomarem novas configurações. As atividades econômicas passam a se tornar mais incisivas, configurando por sua vez caráter cada vez mais hierarquizado, provocando um clima amistoso e de desconfiança entre ambos. Tal ambiente passou a se apresentar, para os nativos, uma realidade bastante diferente, se configurando, por sua vez, “num mundo de rápidas mudanças, de adaptações, de negociações, de constantes redefinições identitárias”. (Pompa. 2003, p. 2-33)

---

\* Professor Substituto de Universidade Regional do Cariri- URCA- Crato-Ce. Mestre em História Social- 2003 UFC. Doutorando em História Social. UFC. E-mail. lubelamino@ig.com.br

As redefinições que os nativos tiveram que fazer quando seu mundo foi “bruscamente” invadido pelos não índios passaram por elementos bastante importantes que há algumas décadas vem sendo revisitados e discutidos pela produção historiográfica, dentre eles a luta pela terra, a relações interétnicas, a religião, etc. Nesse sentido, este texto se propõe analisar no primeiro momento o impacto da colonização para os Kariri, e no segundo algumas formas de reação e resistência frente aos assaltos do mundo dito civilizado.

Ao contrário da América pré-colombiana, na América pré-cabraliana o domínio da escrita praticamente não aconteceu. Por isso, as únicas fontes escritas que vêm subsidiando a produção da historiografia indígena são aquelas escritas e deixadas pelos invasores que, na opinião de Ribamar Bessa Freire, (1992. p. 138-164) “raramente tiveram o cuidado de recolher o testemunho oral dos povos indígenas, para quem o processo colonial significou a ruína de suas civilizações, a extinção de centenas de línguas e a destruição de grande parte do saber acumulado milenarmente pela tradição oral”.

A proposta colonizadora portuguesa, auxiliada pela Igreja Católica e executado pelo método dos aldeamentos, significou a “quase” completa eliminação de práticas culturais dos índios como um todo. Outro fator importante para tornar o mundo dos nativos bastante conturbados foram as guerras contra os não índios. A dispersão que as mesmas provocaram levou muitos a fugirem, selar alianças com os não índios ou a se submeterem aos aldeamentos.

As guerras fizeram com que muitos índios abandonassem seus *habitats*, sobretudo os que margeavam os principais rios, cujo percurso facilitava o estabelecimento e a melhor sobrevivência dos povoados. À margem desses rios foi se configurando cada vez mais o sentido da colonização, forçando seus primitivos habitantes a penetrarem cada vez mais nos sertões em busca de refugio, se fixando segundo Antunes, (1973. p 25) “nas grotas e furnas, principalmente na serra das palmeiras, para viver em paz e livres da escravidão, senhores de si mesmo e das suas próprias terras.” Ainda segundo o autor, “procurando aldeiar-se, presumivelmente pelos meados de 1630 a 1660, preferiram muitos dos cariris (os chamados xucurús-Kariris ou xocós-kariris) as plagas do Sertão de Cimbres, em Pesqueira, Pernambuco e outros se fixaram na serra da Palmeira, na Cafurna e Serra da Capela, pertencente a sesmaria de Pernambuco, Santo Antonio de Garanhuns.”

Com propostas bastante diferentes de manipular a natureza, de utilizar as forças produtivas e, com formas diferentes de organizar seus meios de produção, os não índios fizeram produzir e reproduzir novos espaços e novas experiências no enfretamento com as sociedades nativas do interior da Colônia. No “avançar” do tempo, os nativos iam cada vez



mais sofrendo as interferências dessa nova sociedade, sentido gradativamente rupturas em seu passado/presente e experimentando cada vez mais dificuldades em resistirem em seus *habitats*, defender seus códigos culturais, em fim, seu sistema de valores e de crenças.

Essas mudanças foram cruciais para os nativos. Os laços que os uniam ao meio ambiente passam a ser mais complexos. O saber fazer, por longo tempo, adquirido pela tradição oral, aos poucos ia sendo obscurecidos pelas várias formas de “dominação” material e imaterial proposta pelo projeto colonizador. A caça, a dominação das matas, a pesca coletiva em rios e lagos passam a ser atividades secundárias, sobretudo aos nativos aldeados, cuja atividade primordial era, agora, direcionada principalmente para as aldeias e não mais apenas para seus pares.

Do ponto de vista da organização social, o grande impacto foi a desarticulação de sua unidade familiar, uma vez que os religiosos não mediram esforços para reorientar as relações familiares de *algumas* prática poligâmicas para a monogâmica. A quebra da primitiva organização política e social foi também outro impacto de mudança operada na cultura Kariri. Segundo Ferrari,

as normas do comportamento tradicional, ora assimétricas – entre o capitão e os subordinados, entre pai e filhos –, ora simétricas – entre irmão entre caçadores – sofreram primeiro os efeitos desarticuladores da desorganização social, e depois a implantação de normas introduzidas pelos efeitos reintegradores da mudança. (Ferrari. 1957. P. 65)

Os supostos problemas existenciais que os Kariri experimentaram no ato da conquista, fragmentaram seu mundo, “facilitando” por sua vez, ao Estado Metropolitano português tentar “dominá-los” mais facilmente. Aqui, há de se considerar como os Kariri vão se comportar frente às redes de dominação dos colonizadores. Para Pomian, o Estado ao incorporar suas redes de poder a sociedades subalternas, impulsiona por “consiguiente en la transmisión de la memoria e restablecer la continuidad, a recordar el mundo desaparecido, a preservar y a dar a conocer sus vestígios memoriales y materiales” (Pomian, 2007. p. 173).

Presos nos aldeamentos só ou com outros povos, o sentimento de alteridade se destaca e a memória se apresenta como eixo, como um ser de sua existência. No entanto, essa memória não operaria mais como antes. Segundo Viveiro de Castro,

A memória e a tradição são o mármore identitários de que é feita a cultura. Estimamos, por fim, que uma vez convertidas em outras que si mesmas, as sociedades que perderam sua tradição não têm volta. Não há retroceder, a forma anterior foi ferida de morte; o máximo que se pode esperar é a emergência de um simulacro inautêntico de memória, onde a “etnicidade” e a má consciência partilham o espaço da cultura extinta (Castro, 2002, p.195).

É pertinente compreender as complexas relações e experiências vividas pelos Kariri envolvidos na luta pela preservação de sua memória, de seu espaço e conseqüentemente de sua sobrevivência material e imaterial. A força avassaladora de uma concepção de tempo e espaço totalmente alheios aos seus, os forçavam a repensar e exercer uma nova postura nesse novo panorama. Como afirma Pompa, os Kariri precisaram “refundar” ou reorganizar sua realidade, a história de seu povo e a sua historicidade.

Do ponto de vista material, com o contacto com novas técnicas de manusear e extrair recursos para sobrevivência (a caça, a pesca, a agricultura, a derrubada de matas etc), em função da exigência dos colonos, ocasionou para os Kariri, o desafio de perceber que sua interferência no mundo natural e o desafio em desenvolver novas habilidades no uso de novos instrumentos (machados, foices, armas de fogo, etc.), provocavam significativas mudanças na configuração da paisagem e no espaço em que atuavam. Em suas atividades produtivas, as ferramentas feitas de madeira ou pedra, utilizadas para extrair da natureza sua sobrevivência num sentido quase que ritual, eram a partir desse momento “substituídas” por outras sem nenhum significado cultural. (Pompa, 2003, p. 7-33).

Nesse aspecto, a colonização, através de seus mecanismos de desarticulação, sobretudo os aldeamentos, engendrou nos povos Kariri novos mecanismos de experiência espacial e temporal. Os nativos, presos nessas redes de poder, não tinham como organizar e praticar com eficácia suas práticas culturais. Ficava difícil aos Pajés e Curandeiros repassar seus saberes para os mais jovens, uma vez que estavam vendo seu mundo se desorganizar e as novas gerações sendo submetidas à tutela dos colonizadores, estratégias que por sua vez “foi adotada também a prática jesuítica de instruir os meninos e não os adultos que poderiam voltar “as antigas superstições” (Pompa, 2003, 211).

Antes dos não índios penetrarem em seu mundo, os nativos viviam em função de um passado que dava sentido a seu presente. Com a chegada dos brancos, se instalou a insegurança e gerou novas expectativas. Essa nova sensação de quase perda de comunicação com seus ancestrais os deixaram sem chão e o passado de experiência, seu único porto seguro, estava conturbado. Assim, o saber dos antepassados não mais conseguia se sustentar naquele tumultuado contexto. As experiências vividas em função dos ancestrais que se repetiam ao longo das gerações e que possibilitava a segurança existencial no presente se tornaram para os Kariri um novo horizonte de expectativas.

Passado/presente. Assim, podemos entender como os nativos se desdobravam para resguardar suas práticas. A “violenta” ruptura que seu mundo sofreu provocou um “fosso” entre as gerações do passado e do presente, cujo elo fatalmente “não” teria a mesma

“continuidade” como antes. O sentimento de coletividade sedimentada pela memória a milhares de gerações estava se rompendo. Presos a um elenco de instituições criadas pelos agentes colonizadores, os Kariri se esforçavam no sentido de que, a cada oportunidade poder revisitar e se utilizar de suas antigas práticas.

### **E os Kariri resistem**

Segundo John Hemming, (Ouro vermelho, 2007) a resistência nativa à invasão de seus territórios foi das mais importantes etapas na conquista dos índios brasileiros, e a mais precariamente documentada. Segundo ele, praticamente não se tem do lado dos índios a versão desses episódios, o que ficou segundo o autor foram as vagas “lembranças dessas tragédias remotas”.

No capítulo dedicado a expansão do gado pelos interiores dos sertões das Capitânicas do Norte, Hemming narra os dramáticos embates entre curraleiros, índios e religiosos. O autor aborda com frequência as escaramuças envolvendo índios Kariri no médio e submédio São Francisco. Segundo ele,

Em 1680 os índios do médio São Francisco combinaram e realizaram um levante contra criadores de gado a quem o rei havia concedido amplo direito de estabelecer criatórios em terras indígenas. Em uma única noite esses índios massacraram 85 índios e brancos que viviam nas margens dos rios, e destruíram parte do gado (Hemming, 2007, p. 506).

O revide dos colonos não tardou a acontecer e

Logo depois alguns rufiões causaram problemas com os cariris da missão jesuítica de Santa Teresa de Canabrava, situada a setenta léguas de Salvador, e convenceram o governador a declarar-lhes “guerra justa”. O criatório de gado espalhava-se gradualmente pelo interior, ocorrendo inevitáveis choques com os Kariri, o governador geral enviou uma força de trezentos homens de Pernambuco, sob o comando de Antonio de Albuquerque da Câmara, a qual teve de enfrentar uma força de três mil índios, travou um combate que durou um dia inteiro e perdeu um décimo de seus homens. Recuou então para um fortim no rio Açú. Um valente octogenário, chamado Manuel de Abreu Soares, comandou 120 soldados a partir de Natal, os quais encontraram corpos de colonos e destruição em todos os lugares. Construiu um forte no rio piranhas e travou um renhido combate no salgado (Hemming, 2007. p. 513-515).

No rio Piranhas e no Piancó, (Capitania da Paraíba) há um dramático relato dessas batalhas;

(...) Há terra dilatada em fertilíssimos campos, vistosos olteiros, e cortada de altíssima serras, e por isso acomodada habitação para muitos milhares de homens. Sofriam mal que os portugueses cada dia fizessem entradas por aquelas terras, fazendo se, senhores do mesmo certão, em que hião fundando sítios, e fazendas de



criar gado vacuns, e cavallares. Como conservavão o ódio contra os portugeuezes que lhes havia tomado os lugares marítimos, os Xucurus, Panatis, Icos, Icosinhos, e Coremas levantarão se, e pondo em armas davão de repente em diversas partes matando e roubando(...) em várias partes lhe sairão partidos de índios rebeldes, que cortado sempre do nosso ferro, levarão no castigo a pena de sua ousadia (...) chegou finalmente no Pajaú, onde tiverão os maiores ataques, porque sendo aly mayor o poder, foy mais vigorosa a resistencia. Hum anno foi necessário para assegurar aquelle distrito das invasões dos inimigos, o que conseguido a custa de repetidas vitórias, passou Manoel de Araújo ao distrito de Piranhas, donde se achava o Capitão Mor *Theodósio de Oliveira Ledo* posto em campo contra os Panatis.. (...) Continuou Manuel de Araújo a conquista do Piancó, e Rio do Peixe, para o qual forão necessário três anos (...) conseguindo essa graça, tratou de levantar no Cariry hua Fortaleza e deu principio a hua igreja (...) desde seos principios foy a Igreja do Cariry, que erigio Manoel de Araújo parochia e a primeira dos certões do Cariry, Piranhas e Piancó (...) (Anais da Biblioteca Nacional. Vol. XXIV. Cap. 5. 1902. p 28-37).

Minimizado esses conflitos, por todo o século XVIII, os Kariri tiveram que lutar para conseguirem resguardar o que restou de seu mundo. Há de se questionar como os sobreviventes lançaram mão de recursos para não deixar perecer as tradições de seus ancestrais e reinventarem novos mecanismos de continuidade de sua sobrevivência material e imaterial.

No confronto com os colonos, a cada geração que passava, o povo Kariri via que seu aprendizado ia se tornando mais frágil e era necessário lutar para não os perder por definitivo na poeira do tempo. *Na observação de Pompa*, “os feiticeiros, inimigo dos padres, lutavam com todas as forças para manter afastados os missionários de suas aldeias” (Pompa, 2003, p. 383).

As novas gerações, que iniciavam suas vidas na nova ordem colonial, (sobretudo nos aldeamentos e nas escolas jesuíticas) provavelmente iam perdendo aquele sentimento de comunidade que tinha com seus antigos pares. O valor simbólico dos rituais compartilhado por várias gerações estão fadados ao esquecimento. O *toré*, o ritual do *ouricuri*, do *wirakdzã*, as *caçadas coletivas*, os ritos de passagem, etc., estavam ameaçados pela crescente mortalidade dos guardiões desses saberes. Para os Tupinambás Viveiro de (Castro, 2002) assinala que “uma peça essencial da luta contra o canibalismo – talvez a jogada decisiva – foi a internação dos meninos índios nas escolas jesuíticas, com a inculcação muito provável de um horror sagrado àquelas práticas”.

No caso do Kariri, uma das tentativas usada pelos capuchinhos de anular a consistência cultural do Kariri foi a de retirar os mais jovens do convívio com seus pares. Segundo Bernardo de Nantes;

Como encontrei mais animais que homens a sua maneira de viver, apliquei-me, primeiramente, a formar pouco a pouco uma vida racional e civil, falando-lhes



muitas vezes, em discursos de todos os dias, do que se praticava entre pessoas policiadas (...) para fazer compreender tudo o que eu dizia, enviava os moços, sempre que podia, à cidade da Bahia, para se informarem com seus próprios olhos de que tudo o que lhes dizia (...) (Nantes, 1979).

A experiência indígena, pautada na tradição, onde a continuidade do passado era o próprio presente, de repente teve que ser alterada em função dos elementos oriundos de mundo dito civilizado. O estranhamento que irá se estabelecer entre esses novos mecanismos se configura num contato em diferentes aspectos de experiência espacial e temporal. O tempo/espaço, visto como fundamentos sobre os quais podiam se assentar sua sobrevivência matéria e imaterial passa a ganhar novos elementos, possibilitando gradativamente sua sustentabilidade existencial.

Nesse sentido, a tradição oral não se resume apenas à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos, mas é também geradora e formadora de um tipo de peculiar de resistências, de se perceber enquanto indivíduo em sua sociedade. Ali, onde ele não convive com a escrita, acaba modelando a noção de tempo, de espaço, de causa e de verdade histórica, ao qual está estreitamente ligada à fidelidade da memória, do registro oral e da sua credibilidade. Assim, “num sentido mais amplo, o conceito de tradição oral acaba englobando os ritos, as práticas religiosas, o sistema de crenças, os hábitos e costumes, em fim, toda a produção simbólica de uma comunidade ágrafa” (Freire, 1992, p.138-164).

Aqui, podemos colocar uma nova forma de resistência. O saber contido nas memórias dos Kariri; sobretudo a dos índios não submetidos aos aldeamentos. Com eles podemos ter pistas interessantes para entendermos o porquê de sua não extinção bem como sua resistência na atualidade.

Os fragmentos de memórias, as táticas desenvolvidas para conseguir sobreviver na nova realidade que se apresentava os salvaram da eminente aniquilação proposta pelos colonos. Com isto, proporcionaram aos descendentes Kariri mecanismos bastante eficazes que asseguraram sua sobrevivência cultural ao longo do tempo.

Pela historiografia mais recente os nativos apropriavam-se não só dos códigos lusitanos para defender suas reivindicações, mas da própria história colonial, na medida em que se incluíam nela, colocando-se ao lado dos vencedores e proclamando igualmente suas glórias e feitos heróicos, reconstruindo junto com suas identidades, suas história e memórias (Almeida, 2003, p. 259).

A necessidade de entender a geografia da região, os colonizadores inevitavelmente necessitariam dos nativos. Assim podemos entender as alianças e as barganhas que os nativos mantiveram com os não índios. Estudando a ocupação do sertão da Paraíba Paulo Henrique

(2006), assegura que “aqui se observa que não apenas os índio eram importantes, como guias nas estradas e descobertas dos colonizadores no sertão como também os próprios caminhos indígenas foram aproveitados nas expedições colonialistas na região”. Do ponto de vista material, importante compreender a importância do trabalho indígena. Os nativos tiveram grande importância no auxílio aos portugueses seja no devassamento dos sertões seja na domesticação de plantas e animais.

Assim, no confronto dos indígenas com os europeus a natureza não era bruta e selvagem como se pensava. A paisagem que os europeus aqui encontraram, era, no dizer de Santos (1999), uma natureza segunda. Os índios, embora de forma diferente, há milhares de anos já estavam adequando o meio ambiente às suas necessidades, criando e recriando novos espaços de experiências, configurando novas espacialidades socializadas e desenvolvendo suas próprias técnicas de pensar. Quando da chegada dos europeus a forma de resistir e de praticar seus espaços tomaram apenas novas configurações.

### **Referências Bibliográficas**

- ABREU, João Capistrano de. *Caminhos Antigos e povoamento do Brasil*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfose indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003,
- ANTUNES, Clóvis. *Wakona-Kariri-Xucuru: Aspectos Sócio-Antropológicos dos Remanescentes Indígenas da Alagoas*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1973.
- CASTRO, Viveiros de. *A inconstância da Alma selvagem: e outros ensaios em antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 261.
- CUNHA, Manuela da. *Legislação Indigenista no século XIX: uma compilação (1808-1989)*. São Paulo: USP, 1992.
- \_\_\_\_\_. *História dos Índios no Brasil (org)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FERRARI, Afonso Trujillo. *Os Kariri, o crepúsculo de um povo sem história*. São Paulo: Publicações Avulsas da Revista Sociológica. nº 03, 1957.
- FREIRE, Ribamar Bessa. “A Canoa do Tempo: Tradição oral e memória indígena”. In: Jaime Salomão (dir). *América: descoberta ou invenção*. 4º colóquio UERJ. Rio de Janeiro, Imago, 1992. (pp 138-164).
- GUPIONI, Luis Donizete Bnzi(org) *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e Desporto, 1994.

- HEMMING, John. Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo; EDUSP, 2007
- HENRIQUE, Paulo M. de Queiroz Guedes. A colonização do Sertão da Paraíba: agentes produtores de espaço e contatos interétnicos (1650-1730). Dissertação. UFPB, 2006. p. 124.
- HOOARNAERT, Eduardo. *Catequese e Aldeamento*. In: SOUZA, Simone de. (Coord). *História do Ceará*. Fortaleza: UFC, Fundação Demócrito Rocha. 1989.
- KRZYSTOF, Pomian. *Sobre la historia*. Tradução de Magali Martinez Soliman. Madri: Cátedras, 2007. p. 173
- MONTEIRO. John Manuel. Negros da Terra: índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MOREAU, Pierre e BARO, Roulox. História das Últimas Lutas no Brasil Entre Holandeses e portugueses e Relação da Viagem ao País dos Tapuias. São Paulo: USP, 1979.
- NANTES, Martinho de. Relação de Uma Missão no Rio São Francisco. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. (org) A viagem de Volta: Etnicidade, política e reelaboração cultural do Nordeste indígena. Rio de Janeiro: 2ª ed. Contracapa, 2004.
- POMPA, Cristina. Religião como Tradução: Missionários, Tupi e Tapuias no Brasil colonial. Bauru, São Paulo: 2003.
- \_\_\_\_\_. Cartas do Sertão: a catequese entre os Kariri no século XVII. Revista ANTROPOLÓGICA, ano 7, vol. 14(1e2): p. 2-33. 2003.
- PONTNG, Clive. Uma história verde do Mundo. Tradução de Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- PUNTONI, Pedro. A guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil. 1650-1720. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- STUDART, Barão. *Datas e Fatos para a História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.
- SANTOS, Milton. “Por uma Geografia de Redes”. In: *A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e técnica*. 3ª Ed. Hucitec. São Paulo. 1999. p. 208-222.
- SIQUEIRA Batista. Os Cariris do Nordeste. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1978.
- SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2000.
- SOUSA, Vânia F. de Paiva. As fronteiras do ser Xucuru. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. A heresia dos índios: colonialismo e rebeldia no Brasil colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

### **Tese e Dissertações**

MAIA, Lígio de Oliveira. SERRAS DE IBIAPABA. Da Aldeia à Vila de Índios: vassalagem e Identidade no Ceará – século XVIII. Rio de Janeiro, UFF, 2010

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. Vilas de Índios no Ceará Grandes: dinâmicas locais sob o Direito Pombalino. Campinas, SP. 2003

SILVA, Kalina Vanderlei. Nas Solidões vastas a Assustadoras – os pobres do açúcar na conquista do sertão de Pernambuco nos séculos XVII e XVIII. Recife: UFPE, 2003.

XAVIER, Maico Oliveira. “Cabôcullos São os brancos”: dinâmica das relações sócio-culturais dos índios do temo da vila Viçosa Real- Sec. XIX. Fortaleza; UFC, 2009.

### **Fontes**

Manuscritos (traduzido) de D. Domingos do Loreto Couto. In: Anais da Biblioteca Nacional. Vol. XXIV. Cap. 5. 1902. p 28-37.

Livro Relação da População das Câmaras da Capital do Ceará e Crato. fls. 10 a 12; 1856. APEC.